

Breve ensaio sobre o anfiteatro de *Bracara Aavgvsta* Análise de fotogramas de 1964* Rui Morais

I

Introdução

Neste estudo tive a oportunidade de verificar as virtualidades da fotografia aérea para uma interpretação ou reinterpretação dos vestígios arqueológicos e constatar que ela pode ser um valioso instrumento de investigação a partir de referências históricas.

O trabalho agora apresentado é em grande parte o resultado da aplicação desse instrumento que permitiu corroborar a existência de um anfiteatro em *Bracara Aavgvsta*, objecto de numerosas referências em escritos de autores dos séculos XVII a XIX.

II

Critérios metodológicos

A metodologia utilizada para a identificação de um edifício lúdico no mundo romano de *Bracara Aavgvsta* pode igualmente ser aplicável a épocas anteriores ou posteriores. Tratar-se-á, somente, de adaptar alguns procedimentos de

* A Marcello Cosci, professor na Universidade de Siena, agradeço a colaboração no tratamento dos referidos fotogramas.

investigação e não mudar o método. De um ponto de vista operativo, esta fase de investigação pôde ser articulada em três níveis, a saber:

- **a recolha dos dados escritos, arqueológicos e cartográficos, localizados com rigor ou com uma aproximação aceitável nas cartas actuais.**

Neste primeiro nível tínhamos as referências escritas de autores eruditos como o arcebispo D. Rodrigo da Cunha (1634: 11) que, ao descrever as ruínas de grandes edifícios visíveis na paróquia de S. Pedro de Maximinos, na sua *“História eclesiástica dos arcebispos de Braga...”*, refere que *“As memórias antigas, que ha em Braga mostraõ que foi sempre cidade grandiosa. Sua primeira fundação, & assento não foi no lugar onde hoje se vê. Teue seu principio junto à Igreja de Saõ Pedro de Maximinos onde se mostrão hoje ruínas de grandes edifícios, que dão testemunho de sua antiga maiestade. & ainda aparece hum como meo circulo lugar, onde estaua o amphiteatro, em que os Bracharenses ao modo Romano celebrauão suas festas”*. No século seguinte Jerónimo Contador de Argote (1732-34: 233), nas suas *“Memórias do arcebispado de Braga...”*, confirma a existência de um anfiteatro: *“Fóra dos muros da Cidade, aonde agora está a Igreja de S. Pedro de Maximinos, estava o anfiteatro, onde se celebravaõ as festas, e jogos publicos; era redondo, e ainda no tempo do Illustrissimo Cunha appareciaõ vestigios muito claros da fabrica, segundo elle testifica na Historia dos Arcebispos de Braga, na primeira parte, capitulo terceiro. Hoje com trabalho se divisaõ as taes ruinas”*. Passados poucos anos (1751: 248), o Pe Luís Cardoso, no 2.º volume do *“Dicionário Geográfico”*, volta a descrever, quase com as mesmas palavras, as ruínas do anfiteatro: *“... foy junto à Paroquia de S. Pedro de Maximinos, onde ainda hoje se vêem ruínas de grandes edifícios, que daõ claros testemunhos de sua antiga magestade, e ainda se mostra hum como meyo circulo, lugar em que estava o anfiteatro, onde os Bracharenses, à maneira dos Romanos, celebravaõ as suas festas, e correndo desde de S. Pedro até ao Hospital de S. Marcos, apparecem vestigios, os quaes indicaõ, que até alli se estendia a Cidade antiga”*.

Passaria um século até que Pereira Caldas, um prolífico publicista bracarense, fizesse a última referência ao monumento. Trata-se de uma espécie de roteiro do distrito, significativamente intitulado *“Apontamentos gerais sobre os mais notáveis objectos que podem atrair as atenções de SS. MM. F.F., na sua viagem pelo distrito de Braga em 1852”*. Pereira Caldas chama a atenção de D.^a Maria II e do Príncipe D. Fernando, cujo interesse pelas artes era conhecido, para as *“valiosissimas ... antigualhas, que podem contemplar-se na capital do Minho. – A igreja da sé, que é templo tam antigo que até se há*

supposto como templo d'Isis; – a morada supposta das sanctas filhas de Calcia e de seu marido, e que mostra com tudo ser edificio antigo; – os restos apreciaveis das antigas muralhas da cidade; – o idolo singular dos Granjinhos, o qual ainda está sendo um phenomeno problematico, para as investigações dos archeologos; – os restos escassos que ainda apparecem, nas escavações, d'antigo amphitheatro romano; – as lapidas ou cippos antigos, que apparecem por diversas ruas, e as inscrições das Carvalheiras muito designadamente; – tudo são riquezas de grande valor, tudo são riquezas mui dignas d'examinar-se. E'no Campo das Carvalheiras sobre tudo, que existe uma lapida romana, cujo valor archeologico mal há palavras que o exprimam; – porque é ella, n'uma palavra, o pharol irretorquível que vai alumiar a historia dos dominadores do mundo, n'uma epocha em que tudo tem sido escasso de documentos e de narrações inconcussas – em que tudo teem sido apenas umas meras conjecturas vagas, da parte dos historiadores” (1852: 12-13).

Das gerações posteriores não temos referências ao monumento: a sua memória perde-se completamente. Historiadores e arqueólogos como Sena Freitas, Albano Belino, J. Leite de Vasconcelos, José Teixeira, Arlindo R. da Cunha e Rigaud de Sousa não o mencionam nos seus escritos pois certamente não encontraram estruturas ou vestígios que pudessem relacionar com o anfiteatro (Nunes, 1993: 14)¹.

Henrique Barreto Nunes² (*id. ibidem*), estudioso da história e património de Braga, acrescenta mais algumas referências: “A única indicação que temos relativamente à sua localização refere as proximidades da antiga igreja de S. Pedro de Maximinos, que “estava no sitio quase fronteiro a uma quelha chamada o beco, que sai do meio da Rua da Cruz de Pedra”, segundo nos diz Inácio J. Peixoto nas suas “Memórias Particulares” escritas no final do século XVIII. Era a mais antiga igreja de Braga, que “existia desde o tempo dos romanos e escapou no tempo dos mouros”. Foi mandada demolir por D. Gaspar de Bragança, na segunda metade do séc. XVIII, numa atitude que os bracaraenses de então não compeenderam (“manobra”, chama-lhe Peixoto)”.

Corroborando esta referência à igreja de S. Pedro de Maximinos encontramos numa planta de Braga da autoria de André Soares (1756?) o local específico da sua localização (Bib. da Ajuda, Lisboa). (Fig. 1).

Martins e Delgado, num artigo intitulado “*Historia e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta*” (1989-90: 25), a partir de algumas referências propõem uma possível localização para o dito edifício lúdico.



Fig. 1.

Num artigo posterior Manuela Martins (1991-92: 179), admite mais uma vez a possibilidade da existência de um edifício para espectáculos em *Bracara Avgvsta*, fosse ele um “anfiteatro ou um teatro”.

Como resultado de uma prévia sondagem de reconhecimento da área em questão identifiquei junto à fonte de S. Pedro (conhecida como fonte do Menino Jesus) um bloco de pedra bem talhado, imbutido num muro tosco de uma casa, com as siglas “JHESUS”. É muito provável que tal elemento arquitectónico possa ter pertencido à dita igreja, dadas as suas proporções e contexto actual³ (Fig. 2).



Fig. 2.

- **um segundo nível analítico pode definir-se como de “controlo” da área estudada, de maneira a revelar um palimpsesto de evidências materiais perceptíveis nos fotogramas.** De facto, pela análise estereoscópica de fotogramas da cidade (1964, FAP N.º 5012-13: 1/33 000) foi possível identificar, nas proximidades da área tradicionalmente aceite para a existência de um edifício lúdico, uma “mancha” correspondente a um meio círculo, seguramente resultante da adaptação gradual do terreno a estruturas semi-enterradas ou enterradas do anfiteatro romano. Este resultado só foi possível graças ao suporte informático através do processo de digitalização por meio de um *scanner*, associado a um programa de tratamento de imagem digitalizada (Adobe photo-shop para PC). A utilização de um programa de tratamento de imagem pareceu-nos o método mais adequado, dadas as exigências de um *hardware* específico, cujos efeitos dos vários filtros policromáticos foram utilizados para salientar as características físicas que poderiam ser quase invisíveis a partir da simples leitura estereoscópica dos fotogramas (Figs. 3, 4, 5, 6).

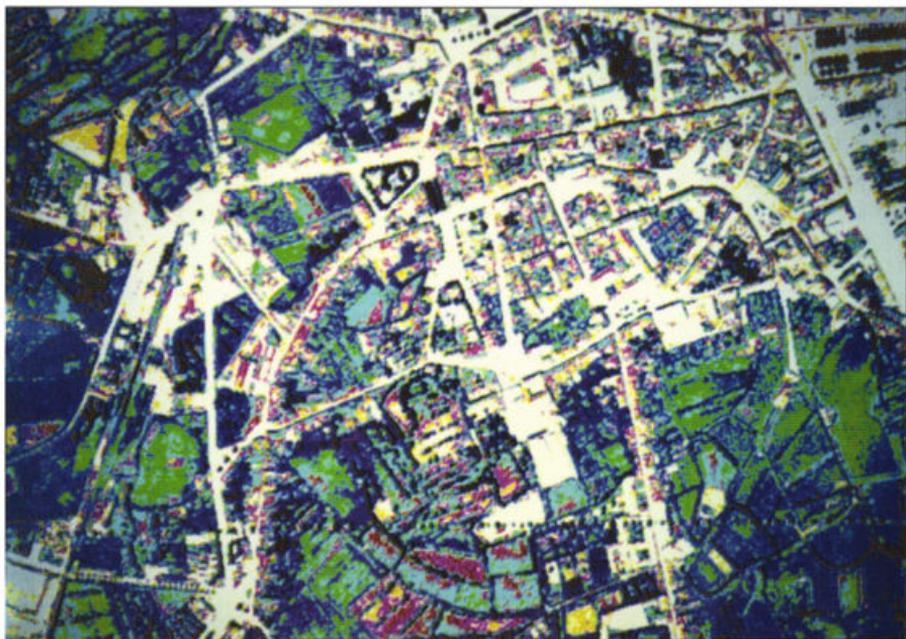


Fig. 3.



Fig. 4.

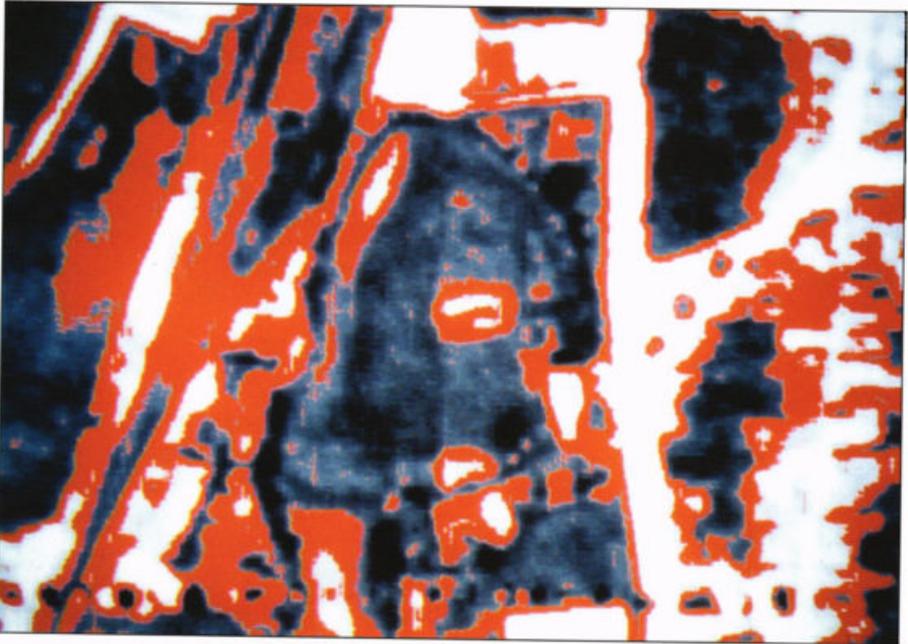


Fig. 5.

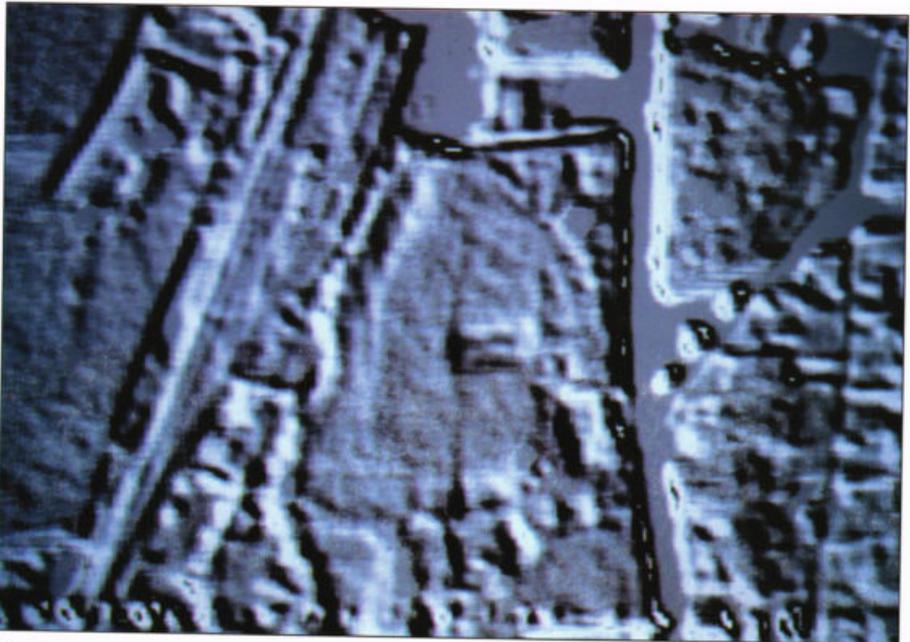


Fig. 6.

O crescimento desmedido da cidade, em menos de vinte anos, não permitiu, na leitura estereoscópica de fotogramas mais recentes (1983, FAP n.º 4534-35: 1/15 000), a visualização do edifício, (Fig. 7) quiçá



Fig. 7.

soterrado sob urbanizações recentes que, pelas características que apresentam, não devem possuir alicerces susceptíveis de terem afectado irremediavelmente possíveis estruturas enterradas (Fig. 8).

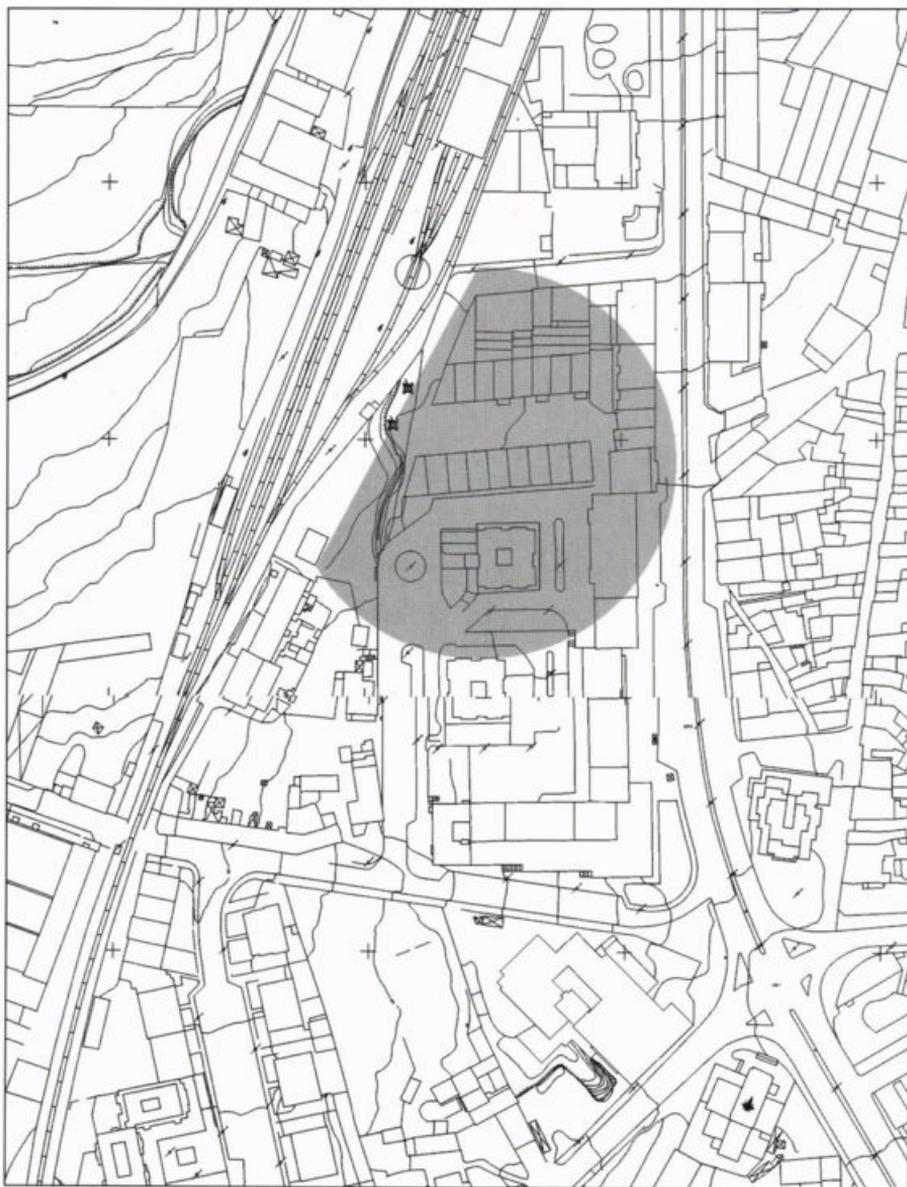


Fig. 8.

A partir do nível anterior foi possível passar a uma nova plataforma de ulterior formação e agregação dos dados. Esta plataforma poderá permitir-nos indicar onde e como orientar um reconhecimento *ex-novo* ou uma sondagem de escavação. A este respeito, um artigo publicado nos Cadernos de Arqueologia (Martins e Delgado, 1989/90: 41-186), – intitulado “*As necrópoles de Bracara Augusta. Os dados arqueológicos*” – é significativo. Efectivamente, o estudo da necrópole de Maximinos e a respectiva apresentação dos dados da escavação possibilita avançar algumas hipóteses no que diz respeito à provável cota deste edifício lúdico. As escavações da rua do núcleo da R. do Caires permitiu identificar num dos dois sectores da escavação, – sector A, zona 79 C – a cota de três sepulturas e a existência de um muro de cerca de $-2,76$ metros (Fig. 9); ora, tendo em conta a proximidade do edifício lúdico, relativamente a estes vestígios, não será difícil advinhar que este possa estar a uma cota relativamente próxima daqueles.

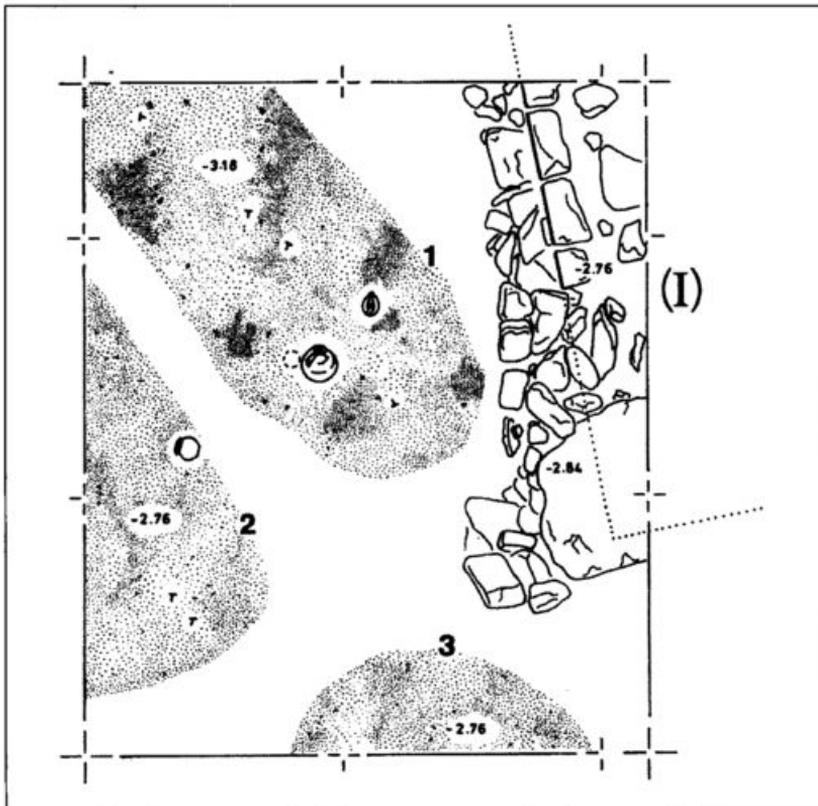


Fig. 9.

Deste contexto tiramos ainda algumas ilações, a saber: a reconfirmação da difusão da prática do enterramento associada à proximidade de um edifício tipo lúdico; a cronologia aproximadamente coincidente da área de intervenção com o género de edifício abordado, frequentemente construídos no decurso dos períodos flávio-antonino e antonino.

III

Contextualização do edifício na cidade: algumas considerações

A individualização, através dos fotogramas analisados, de uma mancha correspondente a um meio círculo que, como referimos, é seguramente resultante da adaptação gradual do terreno a estruturas enterradas ou semi-enterradas, permite prever a existência de um anfiteatro com uma área perimetral inferior a cerca de 132m no seu diâmetro externo e um raio também inferior a cerca de 82,5 m.

O edifício situando-se imediatamente fora do perímetro muralhado da cidade, localizava-se a oeste da mesma, em frente a uma das prováveis portas da cidade, na direcção ao seu *decumanus maximus* que corresponde à rua de S. Sebastião.

Considerando a dificuldade de se proceder de imediato a sondagens no terreno com vista a descobrir vestígios deste edifício e admitindo também a eventualidade de não ser encontrado, tentarei, através deste estudo, tecer algumas considerações de modo a melhor poder contextualizar a sua presença:

- 1.º Parece-me que a presença deste edifício na antiga cidade romana de *Bracara Avgvsta* deve ter sido coincidente com a transformação urbana ocorrida nos períodos flávio-antonino e antonino e, como tal, encarado como um gesto propagandístico por parte das elites locais.
- 2.º À semelhança de outras cidades que possuem edifícios públicos evidenciava-se, em *Bracara Avgvsta*, um grande plano em “moldura de xadrez”,

com quarteirões de edifícios públicos e privados organizados de modo regular cobrindo grande parte da área construída.

- A existência deste anfiteatro teria servido não só para exibições agonísticas mas para manifestações espectaculares entre as quais os jogos de gladiadores e os “*venetiones*”⁴ e “*munera*”⁵, promovidos por personalidades políticas da cidade e, sobretudo, pelos grandes sacerdotes do culto imperial, não para um público espiritualmente qualificado, mas para toda a massa dos cidadãos (Ferrero, 1974: 120). O custo elevado dos combates de gladiadores indica que esta preferência deveria ser realizada nas localidades mais ricas (vid. Golvin, 1988: 320), o que explica que a maioria dos anfiteatros estivessem situados no contexto urbano, caso de *Bracara Avgvsta*.
- A existência deste edifício vem, mais uma vez, firmar a importância do elemento “romanizador” e de assimilação da cidade no contexto do NO peninsular. Este, como edifício tipicamente citadino, faria parte integrante do panorama urbano da cidade e, certamente, instrumento de propaganda através do culto ao imperador (Le Glay, 1992: 216-217; Martin-Bueno, 1992: 233-240), com as suas manifestações agonísticas e cénicas ou a sua utilização como unidade plurifuncional, como atestam as fontes para outras cidades onde se assistiam a reuniões das assembleias citadinas, para tomar decisões judiciais (Bouley, 1992: 82; Rosseto e Sartorio, 1994: 84). A este respeito o próprio Vitruvius (V. 3.1) retracta a importância de um edifício lúdico, neste caso um teatro, na vida de uma cidade:

“Construído o Fórum, deve-se escolher um lugar salubérrimo para o teatro, para os espectáculos de jogos nos dias dos deuses imortais, como já o escrevi no primeiro livro a propósito da situação da salubridade dos muros” (Cr. Ferrero, 1974: 169)⁶.

- Nesta cidade, o anfiteatro, como edifício lúdico de carácter urbano, albergaria, aquando das “ocasiões lúdicas”, todo um conjunto de população directamente subsidiária, influenciando a sua vida quotidiana e tempo cívico. Esta situação não é estranha se pensarmos que, como referiu Plínio (III, 28), baseado num censo realizado muito possivelmente já nos tempos de Agripa, o *conventvs bracaravgvstanvs* integrava 24 *populi* e cerca de 285.000 habitantes livres tributários:

“Simili modo Bracarum XXIII CIVITATES CCLXXXV capitum, ex quibus praeter ipsos Bracaros Bibali, Coelerni, Callaeci, Equaesii, Limici, Querquerni

citra fastidium nominentur [trad. “As 24 comunidades dos Bracari assumiam, contando sempre com os cidadãos livres, 285. 000 habitantes da mesma Braga, são Bibali, os Celerni, os Callecj, os Limici, os Querquerni; e não nomearei outros para não cansar o leitor”.]7.

IV

Uma data possível para o abandono do edifício...

É possível que este edifício tivesse sido abandonado logo após as invasões bárbaras ou mesmo antes. De facto, no mundo romano do ocidente, o cristianismo pouco a pouco tentará acabar com o combate de gladiadores (Modona, 1961: 232). Vejamos a este respeito as palavras de um pregador cristão, Santo Agostinho:

“Os demónios gostam imenso dos cantos de vaidade, dos espectáculos idiotas e das obscenidades do teatro, da loucura do circo, da crueldade do anfiteatro, dos conflitos apaixonados – disputas, desordens que, levados até ao ódio, opõem os homens sob pretexto de um miserável – de um mímico, de um histrião, de um caçador. Quem se entrega a tais coisas oferece incenso aos demónios do seu coração” (Serm. 198, 3, Pl. 38, 1026; Cfr. Marrou, 1979: 33).

Estas palavras de Santo Agostinho são bem demonstrativas de quanto o cristianismo foi então decididamente contrário aos espectáculos de teatro e anfiteatro, por razões de moral e de humanidade. Nesta sequência, o uso dos edifícios lúdicos terminará com o fim da antiguidade e da cultura clássica. Poder-se-á dizer que, nos territórios do ocidente, mais expostos que estavam às invasões bárbaras, estes edifícios começaram a ser abandonados já nos meados do séc. III d. C. (Isler, 1994: 124)⁸.

Num artigo a que já fizemos alusão, Martins e Delgado (1989-90: 25) admitindo a existência de um anfiteatro dão-nos as seguintes directrizes para o provável fim do uso do edifício enquanto anfiteatro: *“No entanto, é sabido que a manutenção deste tipo de construções, exigia grandes encargos municipais,*

pelo que foram, em muitas cidades da Península, sacrificados ainda nos séculos III e IV. O seu desmantelamento parcial, para aproveitamento de pedra, durante a Idade Média e em época moderna, à semelhança do que aconteceu com outros edifícios públicos e privados da Braga romana, explicaria que parte da sua estrutura fosse ainda visível no séc. XVIII, a darmos crédito aos autores citados”.

Apêndice – Edifícios lúdicos em Portugal

No cenário português o conhecimento sobre os edifícios lúdicos continua a ser deficitário, quer pela falta de escavações, quer pelo grau de destruição. Estes edifícios, os principais equipamentos lúdicos das cidades romanas, terão certamente desempenhado um papel basilar no processo de assimilação das populações locais (Fig. 10).

Como escreveu Rocha Pereira (1989: 436) a proliferação da “*arquitectura do divertimento*”, iniciada na Campânia, na segunda metade do século II a.C., “*há-de disseminar-se por todo o império romano, ao encontro do princípio que vira a ser consagrado na célebre sentença de Juvenal: panem et circenses (10. 81)*”. A mesma autora (1989:68-69) acrescenta que “*quase pode afirmar-se que não há cidade romana, por mais longínqua que seja, que não tenha o seu teatro*”. É provável, contudo, que nem todas as cidades possuíssem os mesmos estabelecimentos, e mesmo se, por norma, as cidades capitais tivessem dois edifícios lúdicos, por enquanto, – à excepção talvez de *Olisipo* – ainda não encontramos vestígios evidentes dessa coexistência em nenhuma cidade romana de Portugal (ALARCÃO, 1990: 477)⁹.

Como observa J. Alarcão (1990: 478), “*Se as cidades do Sul de Portugal tiveram, possivelmente, teatro e anfiteatro e, pelo menos algumas delas, ainda um circo, parece duvidoso que as pequenas capitais da Beira ou do Norte, à parte de Braga e Chaves, tenham erguido os três edifícios. Possivelmente, contentaram-se com um anfiteatro onde, além de combates de gladiadores e outros espectáculos próprios da arena, se realizavam representações teatrais. Se uma inscrição de Beja nos deixa supor a existência, aqui,*

de uma verdadeira companhia teatral, os espectáculos de teatro nas cidades mais pequenas não deviam ser frequentes nem de grande qualidade – o que imediatamente se terá traduzido num nível cultural mais baixo da população”.

No que diz respeito aos edifícios teatrais, para além dos testemunhos epigráficos indirectos aos de *Pax Iulia* (Beja) e *Eboritas Iulia* (Évora), e daquele identificado em Tongobriga, o de *Olisipo* (Lisboa) é o único minimamente conhecido.

Construído, muito provavelmente, no âmbito de uma primeira urbanização promovida pelos romanos e embelezado na época de Nero, não se sabe até quando terá sido utilizado. Dos restos conservados desse edifício, a saber: *“Em Lisboa, a cavea do teatro assentou parcialmente na encosta trabalhada para o efeito, mas deve ter exigido, em parte do circuito, uma infra-estrutura construída; e a frente cénica (scaenae frons), com as suas torres laterais (parascaenia), edificada no ponto mais baixo da encosta, não pode ter evitado um corpo alto e forte que seria talvez o pano do muro mais importante e visível em Olisipo”* (1990: 478).

O teatro romano de *Tongobriga* identificado por Lino Augusto Dias (1995: 25), através da morfologia do terreno, e confirmado nos fotogramas observados, situa-se na encosta Poente junto ao *Kardo maximus*. Observa o mesmo arqueólogo (1995: 25), que este teatro, construído de modo a aproveitar os afloramentos graníticos, ocupava uma área de cerca de 52 metros, *“algo semelhante ao observado na estrutura dos teatros romanos e indígenas da Gália”*.

Quanto aos anfiteatros, o mais característico e inovador dos edifícios romanos, temos um escavado em Bobadela (Oliveira do Hospital), cujo nome romano desconhecemos, e um outro parcialmente visível em Conímbriga (Fig. 23:24). As fontes epigráficas parecem testemunhar a existência de mais dois anfiteatros aquele de *Aqua Flaviae* (Chaves), cuja implantação no tecido urbano é desconhecida, e aquele de *Balsa*, cidade localizada nas imediações de Luz de Tavira (Alarcão, 1990: 477; Fabião, 1993: 248)¹⁰.

O anfiteatro de Bobadela, único escavado em Portugal, eventualmente construído no último quartel do séc. I d.C., apresenta um recinto bastante modesto. Instalado numa depressão natural, parece ter implicado, para além da regularização do terreno, pouco mais do que a construção de um muro de

cerca de três metros de altura, que delimitava uma arena elíptica de cerca de 40x50 metros, construções nas entradas, tribunas no eixo menor e sistemas de escoamento das águas (*id. ibidem; id. ibidem; id.:* 1994: 258).

O anfiteatro de Conímbriga, localizado na zona norte da cidade romana, não teria sido abarcado pela muralha do Baixo-Império. Apesar de não ter sido ainda objecto de trabalhos arqueológicos, a análise atenta dos vestígios conservados, pressupõe uma estrutura escavada na rocha, cujas dimensões máximas são de 100x75 metros (Arruda, 1994: 273).

De um outro edifício de carácter lúdico, o chamado circo, ou hipódromo, os exemplos são escassos em Portugal¹¹. Da tríade conhecida, um foi individualizado em *Mirobriga* (Santiago do Cacém) e os dois restantes, dados como prováveis, em *Tongobriga* e em *Olisipo*. De proporções modestas o hipódromo de *Mirobriga* tem uma estrutura com cerca de 369x75 metros, quiçá próprias de um centro urbano menos proeminente (Alarcão, 1990: 478; Fabião, 1993: 277).

Do provável hipódromo de *Tontobriga* temos uma estrutura com 148 metros de comprimento e 64 de largura (de acordo com as normas da época), identificada, a partir da análise de fotogramas (esc. 1/ 4000), junto à estrada que seguia em direcção à ponte sobre o rio Tâmega (Dias, 1995: 26-27)¹². O dito edifício (*id.:* 27), *“estava construído num espaço amplo, aproveitando uma depressão do terreno com cota constante de 240 metros. Serviram-se do talude a adaptaram-no a bancada. Parte deste talude é dos raros vestígios ainda hoje visíveis. Algumas ténues estruturas de um muro levam-nos a pensar que a bancada estava separada da pista por um muro em pedra. Já não é possível observar qualquer vestígio da spina, embora pareçam existir indícios ainda visíveis na foto aérea feita em 1938”*.

A identificação de um hipódromo em *Olisipo* é dada também como provável dado existir uma coincidência entre o traçado típico de um hipódromo e a praça do Rossio. Aquando do alargamento da linha do metropolitano identificou-se parte de um muro quiçá proveniente de tal edifício.

Os poucos edifícios de carácter lúdico – teatros e anfiteatros – até agora identificados deixam supor uma característica comum: contrariando os normais procedimentos de construção em terreno plano, que exigia consideráveis

estruturas para suporte a *cavea*, tais edifícios aproveitaram frequentemente desníveis de terreno, de modo a minimizarem os custos de construção e, como consequência, a diminuição da importância das fachadas. É neste contexto e pressuposto que se insere o anfiteatro de *Bracara Avgvsta*, após leitura atenta dos fotogramas.

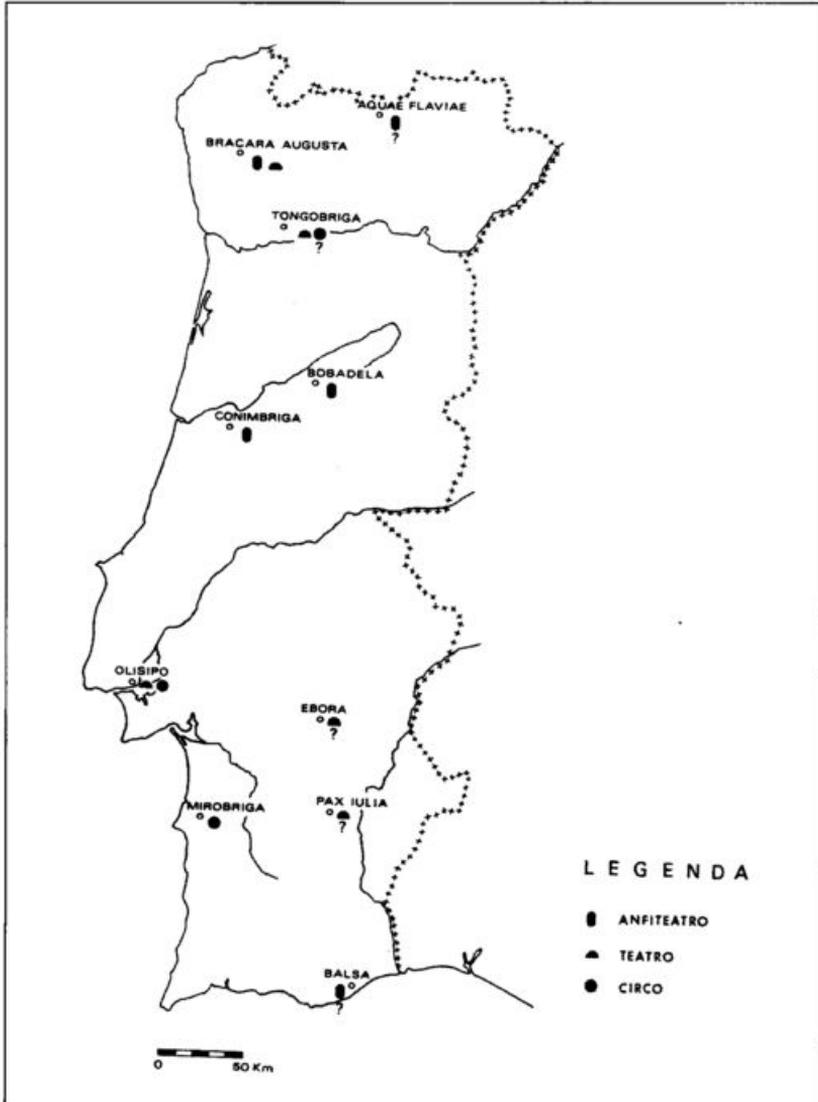


Fig. 10.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1990). "A construção na cidade e no campo", *Nova História de Portugal*, (coord. Jorge de Alarcão), Editorial Presença, Lisboa, 462-489.
- ARRUDA, Ana Margarida (1994). "Conímbriga", *História de Portugal*, (dir. João Medina), vol. II, Ediclube, Barcelona, 263-274.
- BIEBER, Margarete (1961). *The History of the Greek and Roman Theater*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey.
- CADOUX, Jean-Louis (1992). Le théâtre du sanctuaire rural de Ribemont-sur-Ancre (Somme), *Spectacula – II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 89-95.
- CARVALHO, Helena (1993). "Os jogos de gladiadores no mundo romano", *Sep. da Revista de História das Ideias*, vol. 15, Faculdade de Letras, Coimbra.
- CORNI, Francesco (1994/95/96). "Tipologie teatrali", *Teatri Greci e Romani. Alle origine del linguaggio rappresentato*, (coord. Fiorella de Septis), Editora per la Comunicazione Seat divisione Stet, Roma, 140.
- COSCI, Marcelo (1988). *Fotointerpretazione Archeologica. Guida pratica per gli studenti. Note introduttive*, Edizione all'insegna del Giglio, Firenze.
- DIAS, Lino Augusto Tavares (1995). *Tongobriga*, Dissertação em Pré-História e Arqueologia (tese policopiada), Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto.
- DUMASY, Françoise (1992). "Argentomagus: d'un théâtre à l'autre", *Spectacula – II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 21-27.
- FABIÃO, Carlos (1993), "A romanização do actual território português", *História de Portugal. Antes de Portugal* (coord. José Mattoso), Editorial Estampa, Lisboa, 203-299.
- FABIÃO, Carlos (1994), "As Cidades Romanas", *História de Portugal*, (dir. João Medina), vol. II, Ediclube, Barcelona, 257-263.

- FERRO, Daria de Bernardi (1974). *Teatri Classici in Asia Minore, 4 Deduzione e proposte*, "L'erma" de Bretschneider, Roma.
- FRÉJLS, Edmond (1992). "La Gaule dans le développement des études sur le théâtre antique", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 13-17.
- FRÉJLS, Edmond (1994/95/96). "Un indispensabile strumento scientifico", *Teatri Greci e Romani. Alle origine del linguaggio rappresentato*, (coord. Fiorella de Septis), Editora per la Comunicazione Seat divisione Stet, Roma, 56-63.
- GOCY, René (1992). "Le théâtre du "temple de Janus" à Autun : les données de la photographie aérienne et l'environnement archéologique", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 45-56.
- GOLI, Jean-Claude (1988). *L'Amphithéâtre Romain. Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*, I. – Texte, II. – Planches, Diffusion de Boccard, Paris.
- GRC, Pierre, TORELLI, Mario (1992). *Storia dell'urbanistica. Il mondo romano*, Editori Laterza, Bari.
- HARND, Jacques (1992). "Le triangle de Sanxay et son lieu de spectacle", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 71-78.
- ISLEHans Peter (1994/95/96). "L'architettura teatrale antica", *Teatri Greci e Romani. Alle origine del linguaggio rappresentato*, (coord. Fiorella de Septis), Editora per la Comunicazione Seat divisione Stet, Roma, 86-124.
- LE CY, Marcel (1992). "Épigraphie et théâtres", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 209-221.
- LÉVJE, Pierre (1992). "Le spectaculaire des Gaules", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 259-263.
- MAPU, H.-I. (1979). *Decadência romana ou Antiguidade Tardia?*, Editorial Aster, Lisboa.

- MARTIN-BUENO, Manuel (1992). "Utilización político-religiosa de los teatros romanos", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 233-240.
- MARTINS, Manuela, DELGADO, Manuela (1989-90). "Historia e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta", *Cadernos de Arqueologia*, série II, vols. 6/7, Braga, 11-39.
- MARTINS, Manuela (1991-92). "Bracara Augusta. A memória de uma cidade", *Cadernos de Arqueologia*, série II, vols. 8/9, Braga, 177-197.
- MATTER, Michel (1992). "Particularités architecturales des édifices de spectacles en Gaule Lyonnaise", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 29-36.
- MITENS, Karina (1988). *Teatri greci e teatri ispirati all'architettura Greca in Sicilia e nell'Italia meridionale, c. 350-50 a. C.. Un catalogo*, "L'erma" de Bretschneider, Roma.
- MODONA, Aldo Neppi (1961). *Gli Edifici Teatrali Greci e Romani*, Leo S. Olschki Editore, Florença.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1978). "O Salvamento de Bracara Augusta – IV. Os Apontamentos Arqueológicos de Braga de José Teixeira", *Minia*, 2.ª série, 1 (1), Braga, 20-44.
- OLIVER, Albéric (1992). "L'Amphithéâtre de Grand (Vosges). Organisation et construction", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 163-168.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1990). *Estudos da História da Cultura Clássica, Cultura Romana*, II vol., F. C. G., Lisboa.
- ROSSETTO, Paola, SARTORIO, Guiseppina (1994/95/96). "Teatro e Teatri", *Teatri Greci e Romani. Alle origine del linguaggio rappresentato*, (coord. Fiorella de Septis), Editora per la Comunicazione Seat divisione Stet, Roma, 64-84.
- SEAR, Frank (1994/95/96). "Vitruvio e il teatro romano", *Teatri Greci e Romani. Alle origine del linguaggio rappresentato*, (coord. Fiorella de Septis), Editora per la Comunicazione Seat divisione Stet, Roma, 180-198.
- SEGAL, Arthur (1995). *Theatres in Roman Palestine and Provincia Arabia*, E. J. Brill, Leiden.

- THUIER, Jean-Paul (1992). "Sur les origines étrusques du théâtre romain", *Spectacula II. Le théâtre antique et ses spectacles*, Musée Archéologique H. Prades – Lattes, Lattes, 201-208.
- TRAVSARI, Gustavo (1960). *Gli spettacoli in aqua nel teatro tardo-antico*, "L'erma" de Bretschneider, Roma, 56-62.
- V.V.A. (1990). *L'Amfiteatre Romà de Tarragona, La Basílica Visigòtica I. L'Església Romànica*, Memòries d'Excavació 3, Taller d'Arqueologia.

Artiõs de jornal

- Notícia do Minho (18-12-1993). *O Anfiteatro de Bracara Augusta*, por Henrique Barreto Nunes, p. 14.

Outros autores

- ARGË, J. Contador de (1728). "*De Antiquitatibus Conventus Bracaravgustani*", Lisboa – (1732-34), *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Lisboa.
- CALB, Pereira (1852). *Apontamentos gerais sobre os mais notáveis objectos que podem atrair as atenções de S.S. M.M. F.F., na sua viagem pelo distrito de Braga em 1852*, Braga.
- CARISO, Luís (1751). *Dicionário Geográfico, ou Notícia Histórica de todas as Cidades, Villas, Lugares...*, Tomo II, Lisboa.
- CUNH, D. R. da (1634) *História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Braga.

Autos clássicos

- PLÍNIO (23 a. C. / 79). *Naturalis Historia. I Cosmologia e Geografia*. Libri I-6. (trad. Alessandro Barchiesi, et alii, Guilio Einaudi editore, Torino (1982).
- VITRUVIO (I a. C / I d. C.). *Los diez libros de Arquitectura*, (trad. José Ortiz y Sanz), 1992, Akal Ediciones, Madrid.

Notas

¹ Neste contexto, deve ter-se em atenção a construção da linha de caminho de ferro que poderia ter soterrado grande parte deste monumento.

² Ao Dr. Henrique Barreto Nunes, director da Biblioteca Pública de Braga, um agradecimento especial pela ajuda prestada na recolha das fontes históricas.

³ Segundo as informações obtidas do proprietário essa *"pedra já lá estava desde os tempos dos seus pais"*.

⁴ A paixão pelas *venationes* parece ter-se iniciado em 152 a. C. quando na primeira guerra púnica, o Cônsule Cecílio Metelo capturou 142 elefantes na batalha de Panormo. Estes foram levados para Roma e desde logo se organizou um espectáculo, no Circo Máximo, para os matar (Seut. *Caes.* XXXIX; Cfr. Modona, 1961: 251).

⁵ Como refere Helena Carvalho (1993: 10-11), *"Este termo, munus, cujo sentido é o de oferta e que designa genericamente qualquer espectáculo oferecido, começa a ser utilizado com um sentido restrito, precisamente para designar o espectáculo de gladiadores, o munus gladiatorum"*. Sobre a sua evolução consulte-se o mesmo estudo: *"Os jogos de gladiadores no mundo romano"*, Revista das Ideias. Faculdade de Letras, vol. 15, Coimbra, 11-12.

⁶ Vitruvius, *Da architectura*, V. 3. 1.. Texto do autor a partir da tradução de Daria de Bernardi Ferrero (1974). *Teatri Classicin Asia Minori 4. Deduzione e proposte*. L'Erma di Bretschneider, Roma, 140.

⁷ Plínio-o-Antigo, *Historia Natural*, III, 28. Texto do autor a partir da tradução de Alessandro Barchiesi, *et alii* (1992), Giulio Einaudi editore. Turim, 394-395.

⁸ A continuidade do Império do Oriente fará com que os *ludi* anfiteatrais continuassem durante muitos séculos, mesmo depois de deposto o último imperador do Ocidente (Carvalho, 1993: 9).

⁹ A recentemente descoberta, junto às termas romanas do Alto da Cividade, de uma estrutura semi-circular datada do período antonino, sugere, pelas dimensões e características, que poderia corresponder a um teatro.

¹⁰ Sobre a epigrafia e teatros veja-se. Marcel Le Glay. «Épigraphie et théâtres. Spectacula – II. Le Théâtre Antique et ses Spectacles» (*Actes du colloque tenu au Musée Archéologique Henri Prades de Lattes, Avril 1989*), Paris, 1992 : 209-221.

¹¹ Sobre a temática do circo ou do hipódromo veja-se o catálogo da exposição *"Le circe et les courses de chars Rome-Byzance"*, publicado pelo museu de Lattes em 1990.

¹² Segundo Lino Augusto Dias (1995: 26-27) *"Os trabalhos agrícolas realizados nas décadas de 60 e 70 deste século destruíram grande parte das estruturas deste circo"*.